

Reforço no caixa do BC

VICENTE NUNES

DA EQUIPE DO CORREIO

COFRE CHEIO

Governo acelera aquisições de dólares

Compras feitas pelo Banco Central
Em bilhões US\$

Dez/2004	2,6
Jan/2005	2,6
Fev/2005	4,6
Mar/2005*	0,6

* Nos dos primeiros dias úteis no mês

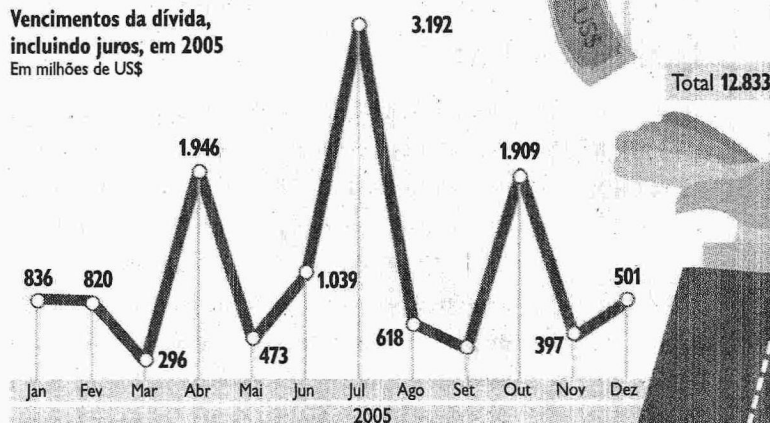
Aquisições do Tesouro Nacional

Total	2,4
-------	-----

Captações no exterior

Total	3,4
-------	-----

Vencimentos da dívida, incluindo juros, em 2005
Em milhões de US\$



Débitos com o FMI

Total	7,028
-------	-------

Fonte: BC, mercado e Tesouro Nacional

Editoria de Arte/CB

O Banco Central (BC) deve anunciar ainda neste mês, durante a revisão das projeções para as contas externas do país, que o governo já comprou no mercado todos os dólares necessários para os pagamentos de dívidas e de juros no exterior programados para este ano. Nos cálculos preliminares de técnicos do BC e do Tesouro Nacional, desde dezembro do ano passado, quando começaram as intervenções governamentais no mercado, até os dois primeiros dias úteis de março, foram adquiridos US\$ 12,8 bilhões, exatamente o que será pago em dívidas em 2005, excluídos os débitos de US\$ 7,028 bilhões com o Fundo Monetário Internacional (FMI).

Se forem adicionados às compras os US\$ 3,4 bilhões captados pelo Tesouro por meio da emissão de títulos no exterior, o reforço de caixa do governo já soma US\$ 16,2 bilhões, faltando, portanto, US\$ 3,7 bilhões para cobrir todas as dívidas, inclusive a com o FMI. "Não creio que será difícil fechar essa conta, pois a oferta de dólares é grande e os preços da moeda ainda estão abaixo da média de R\$ 2,80 do ano passado", disse a economista-chefe do Banco BES Investimentos, Sandra Utsumi.

Segundo ela, caso o BC mantenha a média de compras diárias em US\$ 300 milhões em março, como nos dois primeiros dias do mês, tudo o que o banco e o Tesouro arrematarem a partir de abril será incorporado efetivamente às reservas cambiais do país, estimadas em US\$ 35 bilhões, se forem descontados os empréstimos do FMI.

Custos

Na avaliação do economista Carlos Thadeu Filho, do Grupo de Conjuntura Econômica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), as aquisições têm sido oportunas, não apenas por evitar uma queda mais acentuada da moeda americana — havia a expectativa de que o dólar bai-

xasse até R\$ 2,50 —, mas também por reduzir as vulnerabilidades do país a choques externos.

"Com recursos disponíveis antecipadamente para quitar débitos de quase um ano sem afetar o saldo das reservas, o governo pouco sentirá os efeitos de uma valorização mais acentuada do dólar em caso de problemas no mercado internacional. Em 2002, por exemplo, o país enfrentou uma brutal escassez de dólares, devido às desconfianças em torno da eleição de Lula para a presidência da República. A moeda chegou a ser cotada a R\$ 4", afirmou Thadeu Filho. Diante desse histórico, ele acredita que o governo deveria manter as compras por mais algum tempo e fazer novas capta-

ções no exterior enquanto há abundância de recursos.

Para o economista Renato Baumann, representante no Brasil da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal), o reforço das reservas cambiais ganhará mais relevância se o governo optar por não renovar o acordo com o FMI, que vence neste mês.

Inflação

Baumann chamou a atenção, porém, para o custo das aquisições de dólares. Ao intervir no mercado, o BC e o Tesouro injetam reais na economia, que, para não pressionar a inflação, são retirados por meio da venda de títulos públicos a juros de 18,75% ao ano. Além disso, o

país está engordando o caixa com uma moeda que está em baixa no mundo todo. "Mas creio que o governo sabe até quando esse custo é viável", destacou.

Sandra Utsumi, do BES, disse que não é o apenas o custo financeiro do aumento das reservas que guiará as ações do BC e do Tesouro. "Também há o risco da inflação. Se o dólar subir muito depressa — ontem, fechou a R\$ 2,714, o maior patamar desde janeiro (leia matéria abaixo) —, pode inverter a queda dos índices de preços no atacado, que mede o custo entre as empresas. "O BC não vai informar qual é a cotação que inviabiliza a compra de dólares. Mas que o processo atual é finito, não há dúvidas", assinalou.